



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JANAILTON SANTOS DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL EM “QUEM ME DERA SER ONDA”,
DE MANUEL RUI**

**GUARABIRA - PB
Novembro/2018**

JANAILTON SANTOS DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL EM “QUEM ME DERA SER ONDA”,
DE MANUEL RUI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo),
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura no Curso de Letras no
Departamento de Letras, Centro de
Humanidades, da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA - PB
Novembro/2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Janailton Santos da.
O imaginário infantil em "Quem me dera ser onda", de Manuel Rui [manuscrito] / Janailton Santos da Silva. - 2018.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Criança. 2. Infância. 3. Angola. 4. Imaginário infantil. 5.
Manuel Rui. I. Título
21. ed. CDD 801.95

JANAILTON SANTOS DA SILVA

**O IMAGINÁRIO INFANTIL EM "QUEM ME DERA SER ONDA", DE
MANUEL RUI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado em Letras no Departamento de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, com Linha de Pesquisa em Literaturas Africanas.

Guarabira (PB), 29 de novembro de 2018.

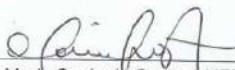
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª Rosilda Alves Bezerra – UEPB/ Orientadora



Prof. Ms. João Batista Teixeira – UEPB/ 1º Examinador



Prof.ª. Dr.ª Maria Suely da Costa – UEPB/ 2ª Examinadora

Ao meu bom Deus, confio a realização deste artigo, que esteve sempre ao meu lado, me dando forças para seguir em frente, a minha família a qual tenho como base e alicerce da minha vida, a todos os professores do curso de Letras – Português, que contribuíram para esta longa caminhada, as amigas de turma as quais considero como companheiras de luta, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não teria forças e coragem para essa longa jornada.

Agradeço a minha mãe Maria de Lourdes, ao meu pai Luiz Enedino, e aos meus irmãos, pelo apoio diário.

Agradeço a minha querida amiga, colega de classe e de orientação da Universidade Grasielle, que sempre esteve ao meu lado durante todos estes anos de curso e de amizade, que deu-me incentivo, força e coragem para realizações dos meus sonhos.

A minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Rosilda Alves Bezerra, por sempre estar me auxiliando, me ajudando, corrigindo, incentivando para realização deste trabalho e me auxiliando nesta longa jornada.

RESUMO

O presente trabalho traz uma leitura analítica do livro *Quem me dera ser onda* (1982), do autor angolano Manuel Rui. O objetivo é apresentar de que forma a criança é representada na obra. Como ela lida com as diferentes classes sociais, o renascimento de uma nova Luanda que se apresenta, a mudança do interior para a capital. A relação com os estudos, o tratamento que as crianças recebem da sociedade, da família e do Estado. Além do livro de Manuel Rui como aporte teórico, contribuíram para a realização desse artigo, livros catalogados e analisados, como: *Carnavalizar é preciso: uma leitura da paródia em Quem me dera ser onda* de Teresa Salgado (2011) e *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa* de Jane Tutikian (2006), e artigos, que tratam do contexto histórico e social de Angola pós-independência, da luta das classes sociais, do desenvolvimento do lugar e a relação da criança em meio a esses acontecimentos.

Palavras-chave: Criança. Infância. Angola.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL ANGOLANO	07
3	A INFÂNCIA EM LUANDA NA OBRA DE MANUEL RUI	09
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar de que forma a criança narradora na obra de Manuel Rui tem uma representação de seu país Angola no período pós-independência, observando as marcas deixadas nas memórias das crianças. Apresentar de que forma as crianças e sua infância em *Quem me dera ser onda (1982)* são vistas e compreendidas pelos adultos da obra em questão, nos mostrando que, segundo Cristina Alves¹, a criança por muito tempo foi vista como um ser passivo da ação de um adulto e necessitado de ação moral disciplinar na construção desta identidade, ou seja, ao nascer à criança seria como uma esponja que absorve os símbolos, a linguagem, as regras de convivência e as formas de interagir de maneira imitativa as pessoas de seu convívio. A criança vista deste ângulo foi muitas vezes silenciada, excluída e invisíveis em políticas e regras destinadas a ela.

Cristina Alves afirma, ainda, que:

As primeiras linguagens da criança pequena são construídas com a família e após é ampliado pela instituição escolar. Por isso a necessidade de uma sociologia da infância, pois os códigos modificam também as expectativas em relação às crianças que estão envolvidas cada vez mais cedo no processo de escolarização. A escolarização inicia com 0 a 3 anos nas creches e 4 e 6 anos nas instituições de educação infantil. (ALVES, 2013, p. 2).

Quando pequenas, as crianças tem em sua família uma primeira base de escolarização, uma base de apoio, e uma base com instruções que, desde sua infância passando pela família até a escola, são instruídas a se tornarem cidadãos pensantes e melhores instruídos em relação aos problemas que encontrarem em sua vida tanto pessoal quanto profissional. A partir do momento que passam a frequentar a escola, as crianças apenas são instruídas a pensar por si mesma, a partir do momento em que os adultos (pai, mãe) e/ou mesmo os professores começam a instruí-las, para que possam sobreviver sozinhas no mundo, compreendendo e entender como o mundo funciona.

¹ Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/3%20Edicao/03%20ARTIGOMARIA%20CRISTINA.pdf> Acesso em: 03/12/2018 às 21h e 39min.

O escritor Manuel Rui traz em sua obra, a questão sobre duas crianças que tem sua infância imersa em tantos problemas e conflitos de interesses pessoais, crianças estas pensantes, inteligentes e espertas, com capacidade de pensar no outro, não pensando apenas em si mesma e não sendo egoístas como muitos adultos, assim como bem mostra os adultos com interesses pessoais pensando apenas em si mesmo e em ninguém mais. O autor nos mostra que mesmo com uma infância mergulhada em tantos conflitos não se deixam abater por nada, mostra o quanto sua esperteza e inteligência podem tirá-las de uma vida cheia de sofrimento e conflitos da época, mostrando que a amizade com um animal pode ser um porto seguro para estas crianças, também que pode ser um meio de escape para que esqueçam um pouco desta realidade cheia de caos, que foi o período pós-independência em Angola.

Manuel Rui nasceu em Nova Lisboa (hoje Huambo), Angola, em 1941. Com participação ativa em diversas áreas (política, sociedade, ensino), alia a prática da advocacia, que exerce em Luanda, à escrita. Detentor de uma abrangente e multifacetada obra, e colaboração dispersa em diversos jornais e revistas, tem texto publicado em Antologias de ficção e de poesia, e textos seus estão traduzidos em várias línguas. É membro fundador da União de Artistas e Compositores Angolanos, da Sociedade de Autores Angolanos e da União de Escritores Angolanos. É cronista, crítico e ensaísta. Publicou até ao momento nove livros de poemas e mais de uma dezena de ficção: entre muitos outros títulos, *Quem Me Dera Ser Onda* (1982), (Prêmio caminho das Estrelas; adaptado para teatro e televisão e com várias reedições), *Crônica de Mujimbo* (1989)², *Rioseco* (1997), *Um Anel na Areia* (2000–2001)³, *Conchas e Búzios (Infantil – Juvenil)* (2003), *O Manequim e o Piano* (2005)⁴, *Estórias de Conversa* (2006), *Casa do Rio* (2007) e *Janela de Sónia* (2009).

Segundo Stefano (s/d) publicado em 1982, *Quem Me Dera Ser Onda* é a obra mais conhecida do autor angolano Manuel Rui, tendo já sido traduzido para mais de uma dezena de idiomas desde a sua primeira edição. No Brasil a

² Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p121/9664> Acesso em: 03/12/2018 às 20h e 41min.

³ Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_09/127_Paq_Revista_Ecos_V-09_N-03_A-2010.pdf Acesso em: 03/12/2018 às 20h e 44min.

⁴ Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/manuel-rui> Acesso em: 03/12/2018 às 20h e 54min.

Editora Gryphus, que também se empenha nas publicações do autor José Eduardo Agualusa, lançou uma edição de bolso a novela.

Manuel Rui possui diversas obras publicadas, entre prosa e poesia. No campo da poesia: *Poesia sem notícias* (1967), *A Onda* (1973), *11 poemas em Novembro* (1976), *Assalto* (1981) Literatura Infantil. Em se tratando de prosa, o autor também traz uma série de publicações, entre elas: *Retorno Adiado* (1973), *Sim Camarada!* (1977), considerado o primeiro livro de ficção angolana publicado após a independência de Luanda. Além da produção em poesia e prosa, algumas publicações de peças teatrais também merecem destaque na produção literária do autor: *O Espantalho* (1973), obra inspirada na tradição oral e representada por trabalhadores da construção civil da cidade do Lubango e *Meninos de Huambo* (1985).

Fernandes afirma, ainda, que o escritor Manuel Rui escreveu o livro *A caixa*, e a ele cabe à honra de ter sido o escritor angolano que apresentou a primeira obra inédita de literatura infantil. *A Caixa* saiu com a chancela do Conselho Nacional de Cultura, e foi divulgado no dia primeiro de Dezembro de 1977 para comemorar o primeiro de Dezembro, o dia do pioneiro angolano. O livro conheceu uma edição bastante modesta, com ilustrações a preto e branco rabiscadas por crianças.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL ANGOLANO

Contribuíram com este estudo, livros como *Carnavalizar é preciso: uma leitura da paródia em Quem me dera ser onda* de Teresa Salgado (2011) e *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa* de Jane Tutikian (2006), que tratam da História de Angola pós-independência, da luta das classes sociais, do desenvolvimento do lugar e a relação da criança ao meio desses acontecimentos.

Angola foi colônia de Portugal desde o século XV e lutou contra os portugueses de 1961 a 1975, quando conquistou a independência. No entanto, o que poderia ser o início de um período de paz, marcou uma das lutas mais sangrentas da história da África.

Os três grupos nacionalistas que se uniram na luta pela independência em Angola, se dividiram depois em uma guerra pela disputa do poder; O

MPLA, Movimento pela Libertação de Angola; a FNA, Frente Nacional de Libertação de Angola; e a Unita - União Nacional para Independência Total de Angola. O conflito cresceu de modo avassalador, e nisso tomou uma dimensão internacional. O MPLA ganhou apoio da União Soviética e de Cuba. A Frente e a Unita, que depois se juntaram, foram apoiadas pelos Estados Unidos. Só após a queda do império soviético, em 1989, e o fim da Guerra Fria, é que surgiram algumas tentativas de paz. Mas, um acordo final só foi conseguido em 2002, depois de mais de 25 anos de uma guerra civil que colocou Angola na lista dos países mais pobres, mesmo sendo um dos maiores produtores de diamantes, e de ter sobrevivido com farturas nas importações de petróleo. Imaginemos que Angola, durante muitos anos, após reconstrução do país, a partir de 1975, período de sua independência, o país tenha construído mais pessoas ricas do que propriamente riquezas. E que a desigualdade social somente aumentou, crescendo cada vez mais o abismo social entre pobres e ricos.

Nesse contexto, Manuel Rui viveu a maior parte de sua vida em meio a esse conflito. Fez parte da primeira geração de angolanos que cresceu em um país independente, embora em guerra civil e pouco investimento na Educação. Sua literatura, em vários momentos, traz aspectos dessa guerra, como uma forma de diálogo entre memórias e questões sócio-políticas. *Quem me dera ser uma onda (1982)* é uma história na voz de crianças repleta de amizade, solidariedade e preocupação com o outro. Nessa narrativa não tem espaço para o desencantamento, uma vez que a esperança vivida numa terra sofrida é a principal emoção que rege uma sociedade recém-independente.

A novela em questão não traz uma saudade de um regime, nem da situação, a saudade é de um tempo, no entanto, o tempo da narrativa tem essa característica de inserção sócio-política. Também não busca relatar a saudade de um regime colonialista, apesar do caos que Luanda está passando no pós-independência. A narrativa, através da infância e da amizade entre os garotos e um porco, retrata um regime colonialista e outro pós-independente.

O narrador assume uma postura neutra em termos de retratação desse regime. Então, a inserção das personagens infantis, ou seja, como uns garotos veem e vivenciam esse novo regime. Naturalmente, as crianças não faziam uma análise muito profunda do problema, até porque não possuíam essa

astúcia. Quem me dera ser onda mostra como essas crianças observam a situação do lugar onde moram e revelam isso para o país, unindo a esperteza, inteligência com certa dose de inocência, o que estava a se passar com certa dose de imparcialidade. Ou seja, o que estava em consideração era o ponto de vista dos garotos em relação ao destino do porco, que de certa forma também simbolizava a situação de seu país.

A democracia do país também surge na narrativa, de uma forma metafórica, mas parece ser algo que funciona em Angola pós-independente, no entanto, em alguns trechos podemos observar uma forma de rever todo o processo democrático pelo qual Angola está passando, principalmente ao enfatizar o convívio com várias famílias no edifício ainda não concluídos da cidade.

Para isso, o autor enfatiza a importância de se mexer nas políticas de prevenção. O autor argumenta sobre a ineficiência das cadeias, e reforça a necessidade de arranjar sistemas concretos, como através das escolas e dos tempos livres poder envolver a sociedade, mas principalmente as crianças. No sentido de atacar políticas educativas, a partir dos seis, sete anos.

Caso investisse mais em educação das crianças, as cidades poderiam se transformar em um dos lugares mais prósperos, trabalhando em duas vertentes: uma é a vertente do que já está impregnado na sociedade egoísta e individualista. Mas, também, os políticos parassem de fingir que são políticos, pois se não querem ou podem resolver os problemas das pessoas, então, vai fazer outra coisa.

3 A INFÂNCIA EM LUANDA NA OBRA DE MANUEL RUI

O livro *Quem me dera ser onda*, da autoria do escritor angolano Manuel Rui trata-se de uma novela, cujo contexto histórico se passa no final da guerra pós-colonial em 1975, em que os habitantes de Luanda procuram adaptar-se à nova realidade que foi a conquista da independência do país por meio da Revolução. Produzida no contexto pós-independência de Angola, a narrativa possui uma série de interessantes nuances e camadas, que aliados ao humor ferino e à lúcida crítica social, garantiram o seu pleno êxito. *Quem me dera ser onda* (1982) ganhou o **Prêmio Caminho das Estrelas**, promovido pelo INALD

(Instituto Nacional do Livro e do Disco). A obra começa quando Diogo, o patriarca da família resolve levar para casa, um leitão para seu apartamento no sétimo andar, contrariando completamente as regras e leis do prédio. Na entrada do elevador, Faustino intervém ali mesmo deixando bem claro que a permanência de porcos vivos não era permitida, o que estava decidido desde a assembleia de moradores era que os únicos animais vivos e permitidos naquele edifício eram apenas os cães, gatos e passarinhos, assim como as galinhas e cabritos. Dessa forma, os porcos só entravam limpos e embrulhados, não passando de carnes, pois era desta forma que estava previsto nas leis do prédio em que moravam. No entanto, Diogo não se importa com as regras e leva o leitão para o apartamento.

Como já mencionado, sobre Diogo quebrar as regras levando consigo o porco para casa, entrando em conflito com Faustino ao discutirem sobre as regras e leis do prédio onde moram, o autor nos evidencia conflitos de interesses pessoais, não apenas por parte dos dois adultos, mas também das crianças. Por um lado temos os adultos, Diogo que só apoia a permanência de Carnaval da Vitória em sua casa por interesse em comer sua carne em pleno dia de Carnaval, também tem Faustino querendo exercer o seu poder como assessor popular no tribunal e morador daquele mesmo prédio, por outro, temos as crianças Zeca e Ruca que ficam entusiasmados com o fato de ter o porco como animal de estimação, como bem mencionado em trechos do livro:

- Mãe! O pai trouxe leitão! – Calma só, Zeca. Deixa passar o pai. – Saiam da frente. (RUI, 2005, p. 8).
- Olha só, ronca que chega – Ruca aproximava-se tentando a familiaridade com o bicho. (RUI, 2005, p. 8).
- Mas vamos comer o leitão, não é? – Nada, Zeca. Plano, sempre plano. Vamos criar. Engordar. Depois é muita carne. (RUI, 2005, p. 10)
- Temos de lhe pôr um nome – disse Zeca, eufórico.
- Pode ficar *Carnaval*, filho!
- Acho bem, Ruca. Pode ficar *Carnaval*. E no Carnaval a gente mata e come. Com fiscal ou sem fiscal. O porco é nosso. (RUI, 2005, p. 11-12).

Nota-se nos fragmentos acima que ao mesmo tempo em que há entusiasmo em relação ao porco, fica evidente certo interesse por parte dos garotos em relação à permanência do leitão na casa, interesse este em tê-lo

como animal de estimação, mas também como um amigo, sem interesse algum em tê-lo apenas como carne, assim como Diogo o ver.

- Como é? Porco no elevador?
- Porco não. Leitão, camarada Faustino.
- Dá no mesmo em matéria de interpretação de leis.
- Quais leis?
- O problema é o que a gente combinou na assembleia de moradores e o camarada estava presente. Votação por unanimidade. Aqui no elevador só pessoas. E coisas só no monta-cargas. (RUI, 2005, p. 7).

Quando Faustino discute sobre as regras falando que cai na alçada da lei, Diogo então indaga sobre essa questão questionando o porquê de cair na alçada, questiona também sobre a mulher de Faustino, que passa o dia carregando embambas para cima e para baixo como mencionado no fragmento abaixo:

- Alçada como? Primeiro o monta-cargas está avariado. Um dia inteiro que sua mulher andou a carregar embambas para cima e para baixo. E depois o monta-cargas, está a ver? Em segundo o leitão está em trânsito, não anda de cima para baixo e de baixo para cima. E foi esse leitão que trouxe catolotolo aqui no prédio? (RUI, 2005, p. 8).

Vemos neste fragmento as divergências, que ambos possuem com relação às regras e leis do prédio, a falta de entendimento e de comunicação de ambas as partes sobre estas mesmas leis. Uma boa vizinhança quem faz são os moradores, e quando há uma boa relação há uma boa convivência, quando se tem isso a vida se torna mais tranquila, acolhedora e melhor.⁵

O único objetivo que pai Diogo tinha em mente era especificamente a engorda do leitão, até o dia de Carnaval. Dessa forma, no grande dia poderia desfrutar de uma boa carne de porco, porém, quando chega em casa, as crianças ficam maravilhados com a ideia de terem o pequeno porco como um animal de estimação da casa, como bem mencionado na obra: “Pai Diogo aferia o porco de maneira diferente. Para ele era tudo carne, peso, contabilidade no orçamento familiar” (RUI, 2005, p. 27 – 28).

(1) *Embambas*: teres, coisas, haveres.

(2) *Catolotolo*: doença do tipo da malária.

Cansado por sempre estar comendo arroz com peixe frito, Diogo lançava olhares para o porco, quase como dizendo que o seu dia iria chegar, assim poderia comer sua carne suculenta, mas os dois meninos começam um elo de amizade com o porquinho, sendo, assim, Ruca é o primeiro a tentar se familiarizar com o animal. No desenvolvimento do enredo, e com o passar do tempo, os dois começam a tratar o pequeno leitão como membro da família, e cada vez mais a união entre os dois garotos e o porco cresce, nos mostrando uma amizade verdadeira entre um animal e duas crianças. Na medida em que vai passando o tempo, eles sempre estavam mimando o porco, dando-lhe banho e trazendo comida boa do hotel, lugar onde iam buscar restos de comida em bom estado, mas que ninguém mais queria aproveitar.

Como bem podemos observar nesta fala de Diogo: “— *Estás-te a aburguesar — Dizia o chefe da família Diogo. Quem te viu e quem te vê*” (RUI, 2005, p. 24), fica-nos claro que o pequeno porco vive uma vida burguesa, cheia de mimos e alguns privilégios, assim sendo, os dois meninos além de tratá-lo como membro da família, começam a mimá-lo demais, de modo que o porco queria apenas uma vida cheia de privilégios, somente comendo, dormindo e ouvindo música, mesmo com essa vida mansa, Carnaval da Vitória não estava totalmente livre dos olhares que Diogo aferia a ele.

A partir daí começa uma luta pela sobrevivência do animal. Assim como muitas pessoas com necessidades e que buscam restos de comidas, alternativas e soluções para sobreviverem, e em meio a uma Angola pós-independência, conflitante e caótica referentes aos conflitos sociais da época, os dois garotos buscam alternativas e soluções para ajudar o seu amigo Carnaval da Vitória, para que o porco não fosse transformado em alimentação e ido para na mesa da família Diogo em pleno dia de Carnaval na casa deles.

Sabemos que, as crianças estão sempre sob a tutela, proteção e cuidados dos adultos sendo algo completamente normal, fazendo-as entender que os problemas relacionados à sociedade como um todo são na verdade problemas especificamente que somente os mais velhos podem resolver, protegendo-as cautelosamente para que não se preocupem com os problemas dos adultos, lhes proporcionando uma boa convivência e infância cheia de diversão. Mas em “Quem me dera ser onda”, o escritor nos trás os irmãos Zeca e Ruca como crianças que vão além das expectativas dos mais velhos, até

mesmo da sociedade angolana da época, nos mostrando que as crianças são solidárias ao porco, confirmando este sentimento de solidariedade que em meio a tantos problemas sociais da época podem ser de grande ajuda para melhorar ainda mais suas vidas e/ou mesmo a vida da sociedade em geral.

A partir do momento que ambos decidem tomar partido desse querido amigo, para que não fosse parar na panela de jantar da família em pleno dia de Carnaval que estava acontecendo na cidade, à obra em questão nos mostra que até as crianças podem mudar significativamente a atmosfera do ambiente. Desta maneira, na obra de Manuel Rui as crianças Zeca e Ruca são inteligentes sendo capazes de traçar planos, encontrar soluções para salvar o porco da gula de pai Diogo, mantendo não somente o fiscal que foi em sua casa, mas também Nazário e demais moradores do prédio longe do porco para que não o descobrissem ali, foram capazes de criar um cartaz e colando-o na parede com os seguintes dizeres: “— COMUNICADO: A comissão de moradores roubou um porco que estava na bicha da loja do povo. Abaixo os especuladores! O fiscal do Ministério João Pitanga Ismael”. (RUI, 2005, p. 42).

Pudemos observar no fragmento destacado que as crianças não se comportam como simples crianças, pois o gosto pelo animal e não querer sua morte é muito mais comum entre crianças do que podemos imaginar. Segundo Maria Cristina Alves (s/d), a infância é uma construção moderna que tem diferentes configurações em variados espaços culturais, classes sociais, gêneros, etnias e época. Como seres em formação necessitam de constantes mediações perante a socialização, mesmo com certa dependência para uma efetiva autonomia, a criança é um ator social ou sujeitos sociais que interagem com o mundo de forma singular e necessitam ser visto. Pensado e mediado em sua singularidade.

Assim o tempo a voar com o Zeca e Ruca a contarem novas estórias e *Carnaval da Vitória* mais cada vez amigo bem conhecido dos intervalos dos garotos da escola. Que protestavam “*vocês prometeram trazer ele para aqui e nunca mais*”. Ruca e Zeca nas desculpas de amanhã talvez mas só faltava mesmo descobrir essa tática de iludir a vigilância dos pais à hora de saída de casa para escola. (RUI, 2005, p. 28 – 29).

Como podemos ver a relação que as crianças têm com a escola, com os amigos, com a família e, principalmente, com a professora é de suma importância, pois com os novos ensinamentos dela, por mais que fosse inadequado, mas a professora conseguiu com que os garotos usassem de sua imaginação para escreverem sobre algo importante, apesar de não ser assunto da própria sociedade, mas o porco, para eles, representa um ser importante.

Então o plano foi traçado e, mesmo nesse dia, os dois irmãos mais o Beto conseguiram recuperar do Kinaxixe um carrinho de supermercado. Trouxeram para o prédio e guardaram no vão escuro da escada. Pra reforçar cuidado cobriram com sacos. (RUI, 2005, p. 29).

Com tanta euforia em manter a promessa de levar Carnaval da Vitória até a escola para os amigos de lá o verem, esperaram que sua mãe saísse de casa. As crianças levam o porco à escola onde estudam contando com a ajuda de Beto para que tudo ocorresse como o planejado. Apesar do plano traçado, os garotos tomam o devido cuidado para que o amigo não fosse descoberto por mais ninguém, além daqueles que já sabem da sua existência, como os próprios amigos da escola.

E na escola a grande festa começou.
Ruca segurava a trela. Zeca fez uma cócega na barriga do porco "vá Carnaval da Vitória", o bicho logo deitado de pança para o ar e a mexer as patas num quase entendimento das palavras. (RUI, 2005, p 29).

A euforia toma conta dos amigos e do ambiente escolar no intervalo das aulas, fazendo com que todos fiquem em volta do porco a brincar, a passar as mãos na barriga dele, com a professora dando atenção a aquelas brincadeiras os meninos lhe dizem que ela poderia passar a mão na barriga de Carnaval da Vitória e assim ela fez. "Aí a professora cocegou também e os miúdos bateram palmas. Foi quando despontou uma lembrança: - Zeca, solta a corda. Vamos fazer uma roda e deixar Carnaval no meio". (RUI, 2005, p. 30).

De todo modo, estas crianças representadas na obra pelos irmãos Zeca e Ruca, o amigo Beto e os amigos da escola, ambos são crianças astuciosas, inteligentes e espertas, não pensam em somente brincar, e mesmo sendo

crianças já querem tentar resolver os seus próprios problemas, até mesmo os problemas dos adultos, trazendo consigo certo grau de entendimento.

Os planos e soluções de ambos não param por aí, tendo com eles algumas folhas de papel timbrado, à tarde no fim da escola, quando chegavam a recolha da comida de Carnaval da Vitória Ruca aproximam-se do controlador da porta e entrega-lhe o papel:

Tribunal da Comarca de Luanda – 2.^a Vara. Para os cães polícias da cadeia do Tribunal peço aparas cruas de carne. Mande-me pouco sebo. São cães estatais comem todos os dias. Saudações Revolucionárias. Faustino (Juiz). (RUI, 2005, p. 53).

Nota-se por meio deste fragmento, o quanto os garotos são inteligentes a ponto de planejar um meio para irem até o hotel Trópico em busca de restos de comida, restos estes que estão em perfeito estado, mas que ninguém mais quer usufruir, o que faz Zeca questionar: “— Mas como é que deitam fora restos assim de carne boa? — Zeca, tu não ouviste no Beto o pai dele lhe explicou que este hotel é só para embaixadores de fora? É o resto da carne que vai à mesa deles”. (RUI, 2005, p. 53).

Quando vão mais uma vez ao hotel, entregam ao controlador da porta um novo papel: “Tribunal da Comarca de Luanda – 2.^a Vara – Os cães aborreceram carne de importação. Mande aparas de porco não marítimo. Saudações Revolucionárias – Faustino (Juiz)”. (RUI, 2005, p. 57). Mais uma vez vemos a astúcia, a inteligência e esperteza dos garotos, somente com imaginação puderam pensar em algo desse tipo para poderem levar para os restos da comida para o amigo Carnaval da Vitória e para casa.

Por isso, Ruca, Zeca e Beto encontraram-se nas escadas e decidiram elaborar mais um cartaz: CAMARADAS MORADORES. Os Especuladores Diogo, Faustino e Nazário são contra o Carnaval da Vitória. Abaixo a Reacção. O Fiscal Loló Madaleno. (RUI, 2005, p. 60).

Mais uma vez, a esperteza dos garotos entra em ação, desta vez com a ajuda do amigo Beto, eles produziram mais um cartaz a favor de Carnaval da Vitória, para que desta forma pudessem impedir o triste fim do amigo. Apesar dos adultos verem os meninos apenas como crianças, elas demonstram um

grau de inteligência, que vai além do entendimento de um adulto, nos proporcionando grandes aventuras, e mostrando que não se tem tamanho ou idade para querer fazer o bem a alguém, a um amigo, ou mesmo fazer a diferença para que algumas coisas possam mudar para o benefício de todos.

De início podemos questionar e pensar sobre o título do livro *Quem me dera ser onda* (1982), metaforicamente falando ser onda num entender particular significa querer viver livremente sem quaisquer preocupações como quebrar regras ao levar o porco para o apto, problemas da sociedade como um todo e/ou mesmo com a vida. Mas as crianças Zeca e Ruca queriam ter o poder necessário para tentar mudar o destino do porco Carnaval da Vitória, só que isso não foi possível. Sendo crianças não tinham como intervir nas decisões dos adultos, no caso de Diogo, não tinha como os irmãos impedir que o pai conseguisse matar o porco para alimentar-se de sua carne.

Assim como Diogo fez ao levar o porco para casa, muitas pessoas com falta de conhecimento também ignoram as regras e leis de proibições de animais, determinadas pelos condomínios e/ou prédios, mas quando essas mesmas pessoas trazem consigo um animal como um porco para morar dentro de seus apartamentos, antes de qualquer coisa deve-se procurar saber e ter o devido conhecimento sobre essas regras que devem ser seguidas por todos os moradores residentes destes mesmos edifícios.

Mas animais de campos como o porco, não é um animal de estimação que pode ser criado em um apartamento. Para Diogo, o porco por um período de tempo era tratado por seus filhos como membro da família, como um amigo, além de ser tratado como um animal de estimação, só que para alguns donos que também criam animais inusitados assim como um porco, parece ser normal para eles, só que não é, e como bem vimos na obra, o porco trouxe consigo os seus modos, manias e maneiras para este mesmo prédio de Luanda, assim também é com os seres humanos, pois quando se mudam de um lugar para outro, trazem consigo, seus costumes, modos e maneiras de ser, mudando a vida de todos os moradores de onde moram.

Mesmo um elevador em um prédio com sete andares, muda significativamente a vida de todos os moradores, as pessoas o utilizam justamente por facilitar suas vidas, mesmo que seja para ir até um andar mais baixo como o segundo andar, podendo chegar mais rápido ao destino

desejado, se houver idosos no prédio, o elevador os ajudará a locomoverem-se melhor, e por haver este artifício não usam diariamente as escadas.

Na escola, os meninos podem crescer como pessoas, como cidadãos pensantes, bem como também por ser um lugar especial e importante para elas, transformando-as em cidadãos que possam tomar suas próprias decisões, tirando suas conclusões, proporcionando o devido conhecimento sobre os problemas que uma sociedade como Angola enfrenta, mas a escola juntamente com os professores ajuda a formar novos profissionais, e mesmo a formar opiniões sobre os mais variados assuntos, ganhando assim novas experiências de vida e sendo mais bem instruídas.

Por fim, temos a realização do Carnaval na cidade de Luanda, que marca uma nova realidade na vida dos moradores da cidade e dos prédios desta mesma cidade. Fazendo com que todos possam participar e se divertir, para vivenciarem algo novo que está acontecendo no seu meio familiar como um todo, mas que muda significativamente suas vidas, que vai movimentar molduras humanas, diferentemente da realidade em que viviam nos espaços longe da cidade.

Para Tutikian (2006), o monopólio governamental da luta de Angola pela independência e sua conversão em discurso legitimador de desmandos e paternalismos políticos fez com que aumentasse o oportunismo daqueles que hipocritamente criticam as distorções armadas pelo sistema político ao mesmo tempo em que se valem delas para obter vantagens pessoais. Os novos problemas e desafios que surgem com a independência e o impacto que novos enunciados causam numa sociedade que se constitui politicamente sobre pressupostos que já não existem, pelo menos não da mesma maneira.

O narrador nos leva por uma Angola pós-independente, evidenciando as críticas feitas em forma de humor, sobre os problemas, conflitos sociais, negócios escusos, como quitandas clandestinas, que funcionava no prédio e sobre uma sociedade burguesa que havia na época. A história destaca a intolerância com relação à professora dos garotos e com seu método de ensino diferenciado, quando ela escolhe a redação de Ruca Diogo para concorrer ao concurso de redações, e apesar do seu método de ensino ser novo, a professora não era bem vista por seus colegas, chegando até ser chamada de pequena burguesa, apesar de ser um método diferenciado, porém não era o

adequado, conforme ditava as regras de um novo governo, pois se distanciava com o que havia sido proposto para ensinar aos alunos.

— Mas como é possível?! Se foram dadas as directrizes quanto aos temas? – considerou o coordenador. – Não se compreende. Se no ofício eram orientados no sentido de motivarem as crianças para escreverem sobre problemas do povo, exaltação dos valores ideológicos, etc., como é que uma professora escolhe para um concurso deste nível uma redação sobre um porco? Camarada Sofia, já agora descubra aí o desenho que foi remetido por essa escola. (RUI, 2005, p. 38 – 39).

Podemos claramente notar que os demais colegas de trabalho, e as citações que se sucedem deixam claro sobre a questão de intolerância, achando que poderia ser um caso psiquiátrico não somente por parte dos garotos, como também da própria professora.

– Até pode ser um caso psiquiátrico – alvitrou o responsável pela secção de matemática.
 – Caso psiquiátrico nosso?
 – Parece que fui claro, camarada coordenador. Caso psiquiátrico do miúdo, da professora, ou sei lá...
 – Então chama-se a professora, não é?
 Alguém vota contra? Quem vota a favor?
 E todos levantaram o braço. (RUI, 2005, p. 41 – 42).

Nota-se mais uma vez, como sempre a intolerância que se sucede entre os fragmentos destacados em relação à professora e ao seu método de ensinar, faz com que impere de certa forma sobre suas atitudes de como agir nessas horas, mas que não abala sua maneira de ser, de ensinar e de transmitir os seus conhecimentos sobre os mais variados assuntos, que podem ser ensinados aos seus alunos, desde que faça com dedicação, justamente por esse método ser novo, as crianças conseguiram desenvolver suas redações referentes ao porco Carnaval da Vitória.

– A camarada já faz ideia de sua convocação. Trouxe todas as redações e desenhos?
 – Sim – nos olhos da professora alindou-se uma onda de orgulhosa alegria. – Antes que me esqueça, os alunos propuseram e votaram todos a favor que a nossa escola passasse a chamar-se “carnaval da vitória”.

- Parece que a camarada não está a entender ou está a brincar. Mas vamos ao que importa, o material. (RUI, 2005, p. 47 – 48).

Nenhum dos seus colegas está de acordo com os métodos de ensino e/ou mesmo como a professora resolveu escolher a redação de Ruca Diogo para concorrer ao concurso de redações, porém não percebem que mesmo sendo uma nova forma de ensinar aos alunos, mas que pode transformar suas vidas significativamente fazendo-as trabalhar sua mente, desenvolvendo novas maneiras para escreverem uma boa redação.

Cá em baixo, os meninos confiavam na força da esperança para salvar Carnaval da Vitória. E Ruca, cheio daquela fúria linda que as vagas da Chicala pintam sempre na calma do mar, repetiu a frase de Beto:
- Quem me dera ser onda! (RUI, 2005, p. 69).

A novela de Manuel Rui não termina exatamente como gostaríamos que terminasse, como todas as histórias com um final feliz, mas apesar de todos os esforços dos dois meninos para tentar salvar Carnaval da Vitória, a história termina com o fim do porco parando na mesa da família, matando a gula de Diogo que tanto fez para engordar o animal, conseguindo enfim saborear a carne suculenta do porco.

O autor nos traz esse lado simples de sua obra, evidenciando as críticas em forma de humor, os problemas sociais da época, as crianças do prédio que apesar de estarem mergulhadas em uma Angola pós-independência, afundada nos seus próprios problemas, não deixam afetar sua infância, encontraram em Carnaval da Vitória o refúgio de diversão, um grande amigo, um meio para tentar escapar do caos da época.

A obra nos mostrou a grande amizade dos garotos com o porco, a solidariedade que ambos tiveram com ele, e que a solidariedade entre animais e seres humanos pode ser algo que possa mudar a vida das pessoas. Portanto, apesar dos problemas que possamos encontrar em nossas vidas, na sociedade, com determinação, soluções e planejamentos podemos encontrar alternativas que beneficiem a todos, não apenas ficando no interesse pessoal como bem foi possível observar na obra em questão estudada.

A novela de Manuel Rui apresenta a imagem da criança, revelando-se com muito bom humor as críticas feitas por ele, mostrando que em meio a tantos problemas sociais, que Angola pós-independente passava na época, e que apesar da infância difícil desses garotos estarem mergulhada nos problemas daquele tempo, a astúcia, a determinação dos meninos em ajudar um amigo, foi algo imprescindível.

A inteligência dos garotos para traçar planos em favor da sobrevivência do porco, encontrando soluções que buscassem livrar esse ser do seu triste fim, nos faz pensar como as crianças podem ensinar aos adultos que nunca se é muito infantil ou suficientemente adulto demais para fazer acontecer e tentar fazer a diferença e que o interesse pessoal não traz nenhum benefício para si próprio, nem para todos.

Para Teresa Salgado:

Quem me dera ser onda pode ser lida como mais um momento de dramatização da perda de uma unidade impossível. Momento talvez ainda mais contundente, uma vez que o cômico (pela paródia e pela sátira) é a estratégia escolhida, atingindo um dos sonhos mais caros dessa sociedade, a própria revolução e seus ideais. O papel exercido pelas instâncias cômicas no texto em questão, embora ambivalente, parece acenar, sobretudo, para a recuperação, senão das utopias, ao menos de um futuro, na medida em que se abre um diálogo com o presente e o passado. (SALGADO, 2011, p. 78).

Em *Quem me dera ser onda*, Manuel Rui compõe um pequeno cenário que funciona como uma espécie de metáfora do país, e usa o humor como uma forma de evidenciar a estrutura real dos problemas sociais e políticos enfrentados pelos angolanos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho foi de realizar uma análise sobre a obra "*Quem Me Dera Ser Onda*", do escritor angolano Manuel Rui, ressaltando como e de que forma as crianças angolanas estão representadas na obra do autor. Mostrando-nos através de sua obra e com muito bom humor, os conflitos de interesses pessoais, os problemas sociais que Angola pós-independente passava na época, de como a criança narradora na obra tem

uma representação do seu país, de como elas tem essa visão sobre o contexto desses problemas sociais, com marcas deixadas na memória dessas crianças.

O presente artigo mostra-nos uma breve contextualização acerca do contexto histórico e social angolano, demonstrando que o autor viveu boa parte de sua vida em meio aos problemas e conflitos sociais da época. Mostrando-nos também a infância dos meninos e a amizade deles com o porco, retratando um regime colonialista e outro pós-independente.

Apesar da obra do escritor angolano não terminar como desejávamos, a novela proporcionou uma boa leitura, mostrando que a amizade entre dois garotos e um porco pode existir em meio a tantos problemas, mostra-nos todo um contexto acerca de conflitos, interesses pessoais, onde os adultos viam o animal como coisa, assim como o adulto Diogo, já as crianças o viam como um grande amigo, considerando-o membro da família.

Mesmo com tudo e todos contra eles, os meninos não pararam de lutar para que o amigo pudesse sobreviver. E mesmo com todos os esforços para sobrevivência do porco, mesmo com a ajuda de Beto, eles não puderam intervir no triste fim de Carnaval da Vitória.

O referido trabalho trouxe grande satisfação, tanto pessoal quanto acadêmica no que concerne acerca dos estudos literários, proporcionando uma boa leitura, mostrando-nos que a obra pode ser trabalhada, no que diz respeito e sensibilidade por parte do autor com relação às crianças, nos demonstrando como as crianças angolanas estão representadas em sua obra e como é a sua infância em Luanda, mostra-nos sua inocência, mas ao mesmo tempo o quanto são inteligentes e espertas. Evidenciando-nos em sua obra, questões válidas criticadas por ele com muito bom humor e muita simplicidade.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Maria Celestina. Literatura Infantil e Juvenil e Formação de Leitores em Angola. Disponível em: <http://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-infantil-e-juvenil-e-formacao-de-leitores-em-angola-3/>. Acesso em: 08/09/2018 às 20h e 10 min.

RUI, Manuel. **Quem me dera ser onda**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

SALGADO, Maria Teresa. **Carnavalizar é preciso**: uma leitura da paródia em *Quem me dera ser onda*. Rio de Janeiro. Revista Mulemba v. 1. n. 5. 2011.

STEFANO, Lucas. [RESENHA] **Quem me dera ser onda** - Manuel Rui. RUI, MANUEL. *Quem me dera ser onda*. Rio de Janeiro: Gryphus: 2009, 60 pp.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.